

SOCIEDADE E CONDIÇÃO HUMANA NA MODERNIDADE

CARLOS ANTONIO DE SOUZA MORAES
(ORGANIZADOR)



SOCIEDADE E CONDIÇÃO HUMANA NA MODERNIDADE

CARLOS ANTONIO DE SOUZA MORAES
(ORGANIZADOR)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

S678 Sociedade e condição humana na modernidade [recurso eletrônico] /
 Organizador Carlos Antonio de Souza Moraes. – Ponta Grossa,
 PR: Atena Editora, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-85-7247-964-6
 DOI 10.22533/at.ed.646202401

1. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Moraes, Carlos Antonio
 de Souza.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Obra “Sociedade e Condição Humana na Modernidade” objetiva promover o debate científico através de problematizações que integram seus onze capítulos. De forma geral, apresenta reflexões referentes as transformações societárias contemporâneas, sob a égide do capitalismo e, seus impactos sociais, particularmente, na qualidade de vida a partir do trabalho, na relação com as mídias digitais, com as campanhas publicitárias, do homem com o meio ambiente, no campo da educação e no tratamento do Alzheimer.

Tais pesquisas foram desenvolvidas em instituições de ensino de diferentes regiões do Brasil e apresentam análises pautadas em relevância acadêmica e impacto social. Para sua construção, metodologicamente, os autores recorreram, predominantemente a estudos bibliográficos, a fim de contribuir para descortinar aparências e fundamentar os conhecimentos daqueles que se interessam pelos temas ora apresentados que, por sua vez, foram categorizados em 05 blocos, a saber:

O primeiro, compreendido entre o capítulo 01 e 03, problematiza as transformações contemporâneas do capital, o mal-estar social e o trabalho como garantia de qualidade de vida, realização de necessidades e satisfação pessoal e profissional; O segundo, organizado entre os capítulos 04 e 05 aborda temas vinculados a relação do homem com o meio ambiente, bem como, analisa as diferentes formas de tratamento de afluentes domésticos; Posteriormente, o bloco 03, discute, entre os capítulos 06 e 07, as principais tendências pedagógicas e suas características. Além disso, problematiza o modelo escolar ocidental de formação, refletindo a respeito da escola contemporânea e seus mecanismos de atuação; O bloco 04, entre os capítulos 08 e 10, recorre inicialmente, ao filme “Lavoura Arcaica” (Luís Fernando Carvalho, 2001), construindo análise fílmica, literária e de linguagem historiográfica. Posteriormente, analisa como a ideia de nostalgia midiática é explorada nos meios de informação. Além disso, destaca o poder de influência dos dispositivos midiáticos na erotização dos corpos femininos. Nesta perspectiva, analisa a objetivação dos sujeitos femininos como meros produtos de consumo em uma sociedade patriarcal, sexista, machista e heteronormativa. No bloco 5, o capítulo 11 finaliza abordando a importância da musicoterapia utilizada como recurso terapêutico para o tratamento de pacientes com Alzheimer.

Diante disso, o livro acessado pelo leitor, apresenta problematizações que contribuem para repensar o tempo presente na direção de construção de uma sociedade menos adoecida e desigual, que valoriza o humano na sua condição de dignidade e reflexão crítica, promovendo possibilidades do leitor indagar-se sobre os

determinantes e significados dos temas ora descritos, elaborando nestes processos, outras perguntas de pesquisa.

Carlos Antonio de Souza Moraes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O FETICHE DO CAPITAL E O REENCANTAMENTO DO MUNDO	
Marcus Baccega	
DOI 10.22533/at.ed.6462024011	
CAPÍTULO 2	16
AS CONSEQUÊNCIAS DA MODERNIDADE: OS “LÍQUIDOS” E A SOCIEDADE DE CONSUMIDORES	
Natalia Maria Casagrande	
Janaina de Oliveira	
Diego José Casagrande	
DOI 10.22533/at.ed.6462024012	
CAPÍTULO 3	28
QUALIDADE DE VIDA: O IMPACTO NA RELAÇÃO HOMEM-TRABALHO	
Rosineia Oliveira dos Santos	
Luís Fernando Ferreira de Araújo	
Edmilson Augusto de Lima	
Arnaldo Silva Santana Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.6462024013	
CAPÍTULO 4	49
ECOSOFIA AMBIENTAL E A RELAÇÃO DO HOMEM E A NATUREZA NA SOCIEDADE MODERNA	
Kellison Lima Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.6462024014	
CAPÍTULO 5	58
ANÁLISE DA EFICIÊNCIA DO TRATAMENTO DE ESGOTO POR ZONA DE RAÍZES NA REMOÇÃO DE NUTRIENTES	
Elsa Daiana Correa Morel	
Otávio Augusto Barbosa	
Henrique Correa da Silva	
Rafael Rick Niklevicz	
Patricia Biondo	
Guilherme Migliorini	
DOI 10.22533/at.ed.6462024015	
CAPÍTULO 6	64
TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS: PERSPECTIVAS E REFLEXÕES PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA	
Aracéli Girardi	
DOI 10.22533/at.ed.6462024016	

CAPÍTULO 7	77
O PONTO DE VISTA DA ANIMALIDADE E OS PODERES ATUAIS DA ESCOLA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE A ÉTICA DA PROFANAÇÃO DE GIORGIO AGAMBEN	
Filipe Kamargo de Santana	
DOI 10.22533/at.ed.6462024017	
CAPÍTULO 8	89
O TEMPO E A HISTÓRIA NA OBRA <i>LAVOURA ARCAICA</i>	
Matheus Silva Falcão Renata Brauner Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.6462024018	
CAPÍTULO 9	103
A NOSTALGIA NAS MÍDIAS DIGITAIS: UMA BREVE ANÁLISE DAS REDES SOCIAIS DO CANAL VIVA	
Bruno Vieira Leonel	
DOI 10.22533/at.ed.6462024019	
CAPÍTULO 10	115
CORPOS, EROTISMO E BIOPODER: UM ESTUDO COMPARADO ENTRE AS CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS DA CERVEJA DEVASSA DE PARIS HILTON E SANDY	
Lília Batista da Conceição	
DOI 10.22533/at.ed.64620240110	
CAPÍTULO 11	124
A INFLUÊNCIA DA MUSICOTERAPIA NO TRATAMENTO DE DOENÇA DE ALZHEIMER	
Denise Henrique da Silva Luís Sérgio Sardinha Fábio Guedes de Souza Valdir de Aquino Lemos	
DOI 10.22533/at.ed.64620240111	
SOBRE O ORGANIZADOR	133
ÍNDICE REMISSIVO	134

O FETICHE DO CAPITAL E O REENCANTAMENTO DO MUNDO

Data de aceite: 17/01/2020

Marcus Baccega
DEHIS/PPGHIS-UFMA.

*Para Renato Dias de Sousa, o querido Dinho,
Que entendeu a Palavra e, sem a pronunciar,
Ama os mais pobres como Cristo.*

RESUMO: Este breve ensaio pretende problematizar, à luz da filosofia materialista-dialética com fortes notas teológicas de Walter Benjamin (1892-1940), a condição do Capitalismo como religião. O intuito maior será analisar, no contexto de multiplicação exponencial das Igrejas cristãs no Brasil, as relações que se instauram entre *religião* e a forma histórica *mercadoria* no modo de produção capitalista. Retoma-se aqui, desta maneira, o percurso intelectual de Benjamin, em seu diálogo com a Sociologia Compreensiva de Max Weber, o Materialismo Histórico de Karl Marx e Friedrich Engels e a tradição mística judaico-cristã. Propõe-se, por fim, a possibilidade de interpretação do fetiche do Capital como nexos interno da liturgia ininterrupta da religião capitalista.

PALAVRAS-CHAVE: Walter Benjamin; Capitalismo; Religião; Fetiche.

WALTER BENJAMIN E O CAPITALISMO COMO RELIGIÃO

ABSTRACT: This brief paper aims at casting doubt on the religious condition of Capitalism in the light of Walter Benjamin's (1892-1940) Dialectic Materialism endowed with theological marks. The greatest target shall be analysing the relationship between *religion* and the historical form called *ware* in the capitalist mode of production, within the context of Christian churches exponential multiplication. Therefore, we recover the intellectual pathway accomplished by Benjamin, in its dialogue with Max Weber's Comprehensive Sociology, Karl Marx's Historical Materialism and Jewish-Christian mystical tradition. Finally, we propose an interpretative possibility regarding the fetish of Capital as the inner nexus of the everlasting liturgy of capitalist religion.

KEYWORDS: Walter Benjamin; Capitalism; Religion; Fetish.

INTRODUÇÃO

As relações histórico-simbólicas entre os processos de formação do Protestantismo Clássico, a partir dos movimentos múltiplos e diversos das Reforma Protestantes deflagrada no século XVI e vocacionadas a tornar-se um fenômeno de longa duração histórica

(Fernand Braudel), e a ética do Capitalismo como cultura econômica e política, foram classicamente estudadas e dissecadas pelo paradigma compreensivo da sociologia de Max Weber. Com efeito, *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*, nas duas edições de 1905 e 1920, é uma obra seminal do ponto de vista de uma História da Cultura, que instaura uma fértil análise do imaginário capitalista (*Gesinnung des Kapitalismus*), de seu “*Geist*”. Weber percebe, na gesta longa e multifacetada do “Espírito” do Capitalismo, um processo histórico condicionado – mas não determinado – pela Reforma Calvinista¹, portadora (*Träger*) de uma efetiva ruptura com o *ethos* sacramental das formas de expressão “religiosa”² da Idade Média.

Este percurso de formação de um *ethos* do Capitalismo – vale dizer, de uma ética intramundana secularizada e voltada para aquilo que Karl Marx designa por acumulação originária de capital (capítulo 24 do Tomo I, *Die Sogennante Ursprüngliche Akkumulation*, de *O Capital – Crítica da Economia Política/Das Kapital – Kritik der politischen Ökonomie*, 1862) – parece-nos a metonímia perfeita de um movimento macro-histórico gradual e progressivo de *desencantamento do mundo* (*Entzauberung der Welt*). Sobre tal processo discorre Max Weber no Capítulo V da Segunda Parte do Tomo I de *Economia e Sociedade* (*Wirtschaft und Gesellschaft*, 1920), dedicado à Sociologia das Religiões e aos tipos de “comunitarização” (*Vergemeinschaftlichung*) regidos pelo fenômeno religioso (WEBER, 2013: 380).

Faz-se sempre oportuno explicitar e insistir que o desencantamento do mundo na Modernidade capitalista não implicou, de forma alguma, a extinção do fenômeno religioso ou a erosão de seu potencial como explicação do mundo e instância de produção social de verdades e narrativas identitárias. A Modernidade, todavia, foi o *locus* histórico, no Ocidente, da fragmentação da totalidade ético-gnosiológica da teologia cristã medieval, em sentido mais amplo, seu próprio imaginário macrossocial. Tal movimento histórico-dialético cinde a totalidade em esferas de valor autônomas, cada qual regida por uma legalidade própria.

Ao analisar tal processo, Max Weber ressalta como esse desencantamento do mundo aprisionaria os homens na ausência de sentido e profundidade de uma razão técnica, uma racionalidade operacional que relacionava meios e fins por nexos de

1 Impõe-se frisar que há uma distinção notória entre as formulações de João Calvino, ele mesmo, em suas *Institutas da Religião Cristã* (1536), e seus círculos sucessivos de prosélitos em Genebra. Nos dois últimos capítulos da mencionada obra, ainda se encontram instruções litúrgicas para a administração dos sacramentos. Os mesmos seriam considerados fórmulas mágico-heréticas de credices, inaceitáveis teologicamente. Tal tendência fortaleceu-se muito com a denominada “Neoescolástica” Calvinista, sobretudo presbiteriana, ao longo do último quartel do século XVI e boa parte do século XVII. Da mesma forma, Calvino nunca exerceu, formalmente – apesar de, sim, moral e teologicamente – qualquer função administrativa no Consistório que governava Genebra. Cf. DIAS, Zwinglio Mota. **Discussão sobre a Igreja**. Petrópolis: Editora Vozes: 1975.

2 As aspas aqui empregadas devem-se a nossa concordância com as ponderações do historiador francês Alain Guerreau, que, em sua célebre obra *Feudalismo: um horizonte teórico* (1984), salienta que só é possível pensar em uma esfera própria da religião, bem como da economia política, distintas da Teologia e regidas por lógicas próprias, a partir da Dupla Fratura Conceitual instaurada pelas Revoluções Burguesas da segunda metade do século XVIII.

causalidade. Bastante adequada, vale assinalar, à acumulação de capital e, no ápice do processo, à autorreprodução do sistema capitalista. Esta inferência de Weber repercutiria, sem dúvida, entre os pensadores do campo marxista, notadamente da Escola de Frankfurt, com a ideia de uma razão instrumental advinda dos desvios contraditórios do próprio Iluminismo, bem como na extensa obra de Antonio Gramsci.

Weber concebe os homens do Ocidente como sujeitos prisioneiros de um *stahlhartes Gehäuse der Hörigkeit* – em uma tradução literal, preferível àquela proposta por Talcott Parsons, tradutor das obras de Weber para o inglês, em 1932, *iron cage* – “o habitáculo de servidão duro como aço”, a um só tempo prisão dos sentidos históricos e condição existencial concreta dos homens na Modernidade capitalista (WEBER, 2005: 160). Qual seria, então, a via de emancipação do *Geist* no ocaso do processo moderno? Para Weber, trata-se, precisamente, de um contramovimento de reencantamento do mundo, por meio do restabelecimento de uma dominação política de tipo carismático, centrada na anunciação e acreditação coletiva de uma personalidade messiânica.

O cenário religioso cristão do Brasil hodierno apresenta, como sabemos todos, uma miríade de credos, denominações eclesiais e doutrinas autorrepresentadas como *cristãs* e acolhedoras da *Palavra Revelada*. O quadro abrange desde os protestantes ditos históricos, surgidos a partir das Reformas Protestantes iniciadas em 1517, como luteranos, calvinistas (puritanos e, em maior número, presbiterianos) e anglicanos, bem como movimentos teológicos fundadores de Igrejas mais recentes, como os metodistas, batistas, assembleístas e congregacionais (Pentecostalismo clássico), as ditas Igrejas neopentecostais, como a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) e a Igreja Universal do Reino de Deus (1977). A esta intrigante plêiade, acrescem-se as tradicionais Igreja Católica Apostólica Romana e os distintos segmentos da Igreja Católica Ortodoxa Greco-Russa, constituída a partir do Grande Cisma de 1054.

Longe de exaurirem seu raio de ação na esfera privada da religião, distinta, a princípio, da esfera pública da política laica e da produção econômica em virtude do processo de laicização ou secularização moderno, muitas destas denominações religiosas unem-se a partidos políticos e bancadas parlamentares para viabilizar seu projeto político-doutrinal quanto à moldura da sociedade como um todo.

Há algo, portanto, no Capitalismo, que não se consegue suficientemente explicar por meio do conceito, todavia muito operacional e elucidativo, de *desencantamento do mundo*, tema retomado pelo filósofo político francês contemporâneo Michel Gauchet, em 1985. Com efeito, em seu *Désenchantement du Monde* (1985), Gauchet contrapõe-se aos cursos coevos de Michel Foucault, no *Collège de France*, que já acenavam para sua célebre hipótese de constituição de um Biopoder e de uma Biopolítica. Trata-se aqui de três sequências de aulas públicas, que deram origem às

obras *Vigiar e Punir* (1975), *Em defesa da Sociedade* (1976) e *Segurança, Território e População* (1978).

Será que a Modernidade esteve, em algum momento, desencantada mesmo? Ou a predição de Weber sobre um reencantamento carismático do mundo estaria, efetivamente, tomando corpo? Qual é, enfim, a relação entre Capitalismo e religião no Brasil da atualidade?

WALTER BENJAMIN E O CAPITALISMO COMO RELIGIÃO

Em um texto de 1921 – breve e brilhante como as *Teses sobre o Conceito de História* (*Über den Begriff der Geschichte*), que escreveria em 1940 – o filósofo da História judeu-alemão Walter Benjamin lança uma provocação, tanto à sociologia-história compreensiva de Max Weber quanto à psicanálise de Sigmund Freud. Trata-se de *Capitalismo como Religião* (*Kapitalismus als Religion*), ainda pouco lido entre nós.

O panorama da multiplicação – como tendência sem termo final visível – das denominações cristãs no Brasil suscita-nos revisitar a primeira sentença de *O Capital – Crítica da Economia Política*:

A riqueza das sociedades, nas quais domina o modo de produção capitalista, aparece como uma “monstruosa coleção de mercadorias”, a própria mercadoria como sua forma elementar. Nosso exame se inicia, por isso, com a análise da mercadoria (MARX, 2005: 49) (tradução nossa)³.

Qual o enigma a unir a religião e a forma histórica *mercadoria*, algo que parece acontecer no Brasil de nossos dias (e não somente nele)? Dialogando com a clássica interpretação de Weber acerca da relação indireta, mas decisiva, entre a doutrina reformada calvinista e o *ethos* do Capitalismo, Walter Benjamin propõe uma tese audaz.

É de se divisar uma religião no Capitalismo, ou seja, o Capitalismo serve, essencialmente, à satisfação das mesmas preocupações, tormentas, inquietações, às quais as chamadas religiões, outrora, davam resposta. A evidência desta estrutura religiosa do Capitalismo, não apenas como de um quadro condicionado religiosamente, como quer dizer Weber, mas como de um fenômeno essencialmente religioso, ainda hoje nos conduziria ao equívoco de uma imensurável polêmica universal (BENJAMIN, 1991: 100) (tradução nossa)⁴.

3 *Der Reichtum der Gesellschaften, in welchen kapitalistische Produktionsweise herrscht, erscheint als eine “ungeheure Warensammlung”, die einzelne Ware als seine Elementarform. Unsere Untersuchung beginnt daher mit der Analyse der Ware.*

4 *Im Kapitalismus ist eine Religion zu erblicken, d.h. der Kapitalismus dient essentiell der Befriedigung derselben Sorgen, Qualen, Unruhen, auf die ehemals die sogenannten Religionen Antwort gaben. Der Nachweis dieser religiösen Struktur des Kapitalismus, nicht nur, wie Weber meint, als eines religiös bedingten Gebildes, sondern als einer essentiell religiösen Erscheinung, würde heute noch auf den Abweg einer maßlosen Universalpolemik führen.*

Convém aqui assinalar que o “Espírito” do Capitalismo se fundamenta, para Weber, em um processo de destranscendentalização da ascese. Como discorre ao final de *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*, o ideal ascético medieval, a *vita contemplativa* mística do anacoreta solitário, também conhecida como *devotio antiqua*, seja em sua cela, seja na floresta ou nos ermos de seu eremitério, sofre uma profunda ressignificação.

O puritano *queria* ser um homem de profissão, nós *precisamos* sê-lo. Pois, enquanto a ascese saiu das celas dos monges e foi transposta para a vida profissional, e começou a dominar os hábitos intramundanos, ajudou, de sua parte, a edificar a ordem econômica daquele poderoso cosmo dos modernos, vinculada aos pressupostos técnicos e econômicos da produção mecânico-maquinal; [esse cosmo] hoje determina, e talvez determinará, com esmagadora coerção, o estilo de vida de todos aqueles que forem nascidos no interior desta força motriz – não apenas a atividade econômica – até que se tenha exaurido a última centelha de combustível fóssil” (WEBER, 2005: 59-60) (tradução nossa) (itálicos no texto original).⁵

Com efeito, Benjamin concordará, substancialmente, com a lição do mestre de Heidelberg, na verdade também grande historiador, mas sempre autorreferido como “economista”, à penetração radical e ubíqua do *ethos* capitalista no “estilo de vida, não apenas econômico” dos homens que nascerem sob a égide desta força motriz subjugadora. Há, para o filósofo da História místico-marxista de Frankfurt, três atributos reconhecíveis que “estão na essência deste movimento religioso, que é o Capitalismo” (BENJAMIN, 1991: 100).⁶

Em primeiro lugar, trata-se de uma “religião puramente cultural, talvez a mais extrema que já tenha existido” (BENJAMIN, 1991: 100).⁷ Este predicado cultural vê-se fortalecido pelo fato de que o culto, no Capitalismo, desconhece qualquer Dogmática ou formulação teológica. No fundo, desta maneira, o utilitarismo tecnoinstrumental e individualista, o “*Geist*” dos tardo-modernos por excelência, adquire sua condição religiosa. Um segundo móvel mental do Capitalismo, relacionado à concreção não mediada de seu culto, reside na duração permanente da “celebração sem sonho e sem piedade” (BENJAMIN, 1991: 101)⁸ que o singulariza, sem qualquer distinção, que é própria às religiões que o Ocidente vivenciou, entre dias santificados e dias de trabalho, “dias da semana” (*Wochentage*) e “dias de festa” (*Festtage*). Absolutamente

5 *Der Puritaner wollte Berufsmensch sein, wir müssen es sein. Denn indem die Askese aus den Mönchszellen in das Berufsleben übertragen wurde, und die innerweltliche Sittlichkeit zu beherrschen begann, half sie an ihrem Teil mit daran, jenen mächtigen Kosmos der modernen, an die technischen und ökonomischen Voraussetzungen mechanisch-maschinelles Produktion gebundenen, Wirtschaftsordnung erbauen, der heute den Lebensstil aller einzelnen, die in dies Triebwerk hineingeboren werden – nicht nur der direkt ökonomisch Erwerbstätigkeit – mit überwältigendem Zwang bestimmt und vielleicht bestimmen wird, bis der letzte Zentner fossilen Brennstoff verglüht ist.*

6 *Es liegt im Wesen dieser religiösen Bewegung, welche der Kapitalismus ist.*

7 *Erstens ist der Kapitalismus eine reine Kultreligion, vielleicht die extremste, die es je gegeben hat.*

8 *Der Kapitalismus ist die Zelebrierung eines Kultes sans rève et sans merci. Es gibt da keinen “Wochentag”, keinen Tag der nicht Festtag in dem fürchterlichen Sinne der Entfaltung allen sakralen Pompes, der äußersten Anspannung des Verehrenden wäre.*

todos os dias, sem pausa ou recesso, são imolados a esta liturgia, composta de permanentes dias festivos “no mais terrível sentido do desdobramento de todas as pompas sacrais, [no sentido] da mais extrema tensão daquele que glorifica” (BENJAMIN, 1991: 101) (traduções nossas).

O terceiro atributo do Capitalismo enquanto religião é, na análise de Benjamin, uma terrível inversão da função social e psicológica das religiões até então existentes. Esse culto não redime ou absolve a culpa, mas insiste na mesma, endossa e intensifica ao mais alto grau a própria culpa de seus adoradores. Impende agora dar lugar à escrita do próprio filósofo judeu-alemão:

O Capitalismo é, presumivelmente, o primeiro caso de um culto não redentor, mas culpabilizador. Aqui o sistema da religião encontra-se na queda de um movimento monstruoso. Uma monstruosa consciência de culpa, que não sabe se redimir, agarra-se ao culto, para nele não expiá-la, mas torná-la universal, para martelá-la na consciência e, finalmente e acima de tudo, abarcar o próprio Deus nessa culpa para, ao fim, fazê-lo interessar-se, ele mesmo, pela redenção (BENJAMIN, 1991: 101) (tradução nossa).⁹

Em que “estado do mundo”, em que constelação de experiências e valores tal culto nos precipitará? Para Benjamin, a liturgia ininterrupta do Capitalismo como religião forja um modo inaudito de penitência, ou seja, suportar até o fim a própria culpabilização total de Deus e mesmo a desejar, esperar pelo estado do mundo assinalado pelo desespero (*Verzweiflung*). A consequência? Não poderia mesmo ser outra: a queda da transcendência de Deus (*Gottes Transzendenz ist gefallen*), não no sentido de que Deus esteja morto, como imaginava Friedrich Nietzsche, sendo que, muito ao contrário, ainda se inclui na sina dos homens (BENJAMIN, 1991: 101-102). A redenção apenas se pode esperar (*erwarten*), só se pode esperar-desejar (*hoffen*) quando da expansão (*Ausweitung*) do desespero, do despedaçar-se (*Zertrümmerung*) dos homens.

Todavia, há algo em Nietzsche a ser repensado. Trata-se do *Übermensch*, expressão usualmente traduzida como “super-homem”, que aparece no conhecido *Also Sprach Zarathustra (Assim Falou Zarathustra)*, escrito entre 1883 e 1885. Refere-se, em seu niilismo filosófico, ao ideal de Homem absolutamente emancipado de determinidades advindas da religião, sobretudo a cristã, o *anthropos* (άνθρωπος) autossuficiente, mito efabulado e decantado pela Modernidade, que adensa as veleidades universalizantes da Razão Iluminista. No fundo, este Homem imerso no Capitalismo – diremos, como um **modo de produção e de representação** da existência, em escala ampliada, tanto dos primeiros modernos como de nossos

9 *Der Kapitalismus ist vermutlich der erste Fall eines nicht entschuldigenden, sondern verschuldenden Kultus. Hierin steht dieses Religionssystem im Sturz einer ungeheuren Bewegung. Ein ungeheures Schuldbewußtsein das sich nicht zu entschuldigen weiß, greift zum Kultus, um in ihm diese Schuld nicht zu sühnen, sondern universal zu machen, dem Bewußtsein sie einzuhämmern und endlich und vor allem den Gott selbst in diese Schuld einzubegreifen, um endlich ihn selbst an der Entschuldigung zu interessieren.*

coetâneos – o *Übermensch* é o primeiro a confessadamente preencher os requisitos da inédita religião.

Ademais, o infundável culto do Capitalismo é celebrado para uma divindade imatura, que só pode ser interpelada pelos fieis no momento de ápice de sua culpabilização. Qualquer pensamento, qualquer ato de reflexão, desfere um ataque, um golpe, à maturidade desse deus (BENJAMIN, 1991: 102). Nas próprias palavras de Benjamin, este deus imaturo que é o Capital só poderá ser abordado por seus adoradores quando estiver, ele próprio, no desespero. Todavia, quando for possível àqueles esta horrenda “comunhão mística”, terão os homens percorrido longo caminho em extremo solipsismo, moral, social, intelectual.

O FETICHE DO CAPITAL: DA TÉCNICA À MAGIA

Mas qual é a engrenagem oculta desta liturgia da culpa, do desespero e da solidão existencial do *Übermensch*? Qual é, afinal, a fórmula do feitiço deste deus destranscendentalizado? Faz-se necessária uma incursão pela atmosfera nebulosa daquilo a que Marx se refere, com picardia, como “caprichos teológicos e mistérios metafísicos da mercadoria” (*Theologische Mucken und metaphysische Geheimnisse der Ware*).

A resposta parece residir, como percebera o economista Isaak Rubin, em *Teoria Marxista do Valor* (1928), justamente nessa metáfora, antes uma teologia do Capital, sendo que Rubin enfatiza a relevância, e mesmo a centralidade, da seção IV do Capítulo 1 do Tomo I de *O Capital* para a Teoria do Valor no pensamento de Marx. Não se trata de um mero apenso filosófico a uma teoria econômica, tal como interpretado pelo marxismo vulgar. A obra de Marx é, sobretudo, uma crítica filosófica à Economia Política (RUBIN, 1987: 18).

Impõe-se aqui a advertência de que Marx compreende por *Economia Política* não a produção de bens econômicos ou algo restritivo deste gênero, mas sim, como afirma no Prefácio de *Para a Crítica da Economia Política* (1859), a ossatura mesma das formações sociais históricas, o conjunto multifário que Hegel denominava *Sociedade Civil*. Vale ressaltar que a maneira como Marx, à luz dos liberais clássicos, sobretudo o escocês Adam Smith (1723-1790) e o judeu-inglês David Ricardo (1772-1823), compreende a categoria teórico-prática *economia* aproxima-se muito mais de sua verdadeira etimologia que as nossas atuais e restritivas noções.

Com efeito, economia é uma palavra compósita, advinda de dois étimos, *oíkos* (casa) e *vóμος* (norma), o que aponta, como **categoria**, para existência mesma das sociedades humanas, um modo de ser dos homens, não sendo um conceito abstrato *a posteriori*. Nesta seção IV, Livro 1, Tomo I, Marx discorre sobre a noção de fetiche do Capital. Literalmente, este é o *feitiço* do Capitalismo como religião.

Com efeito, no modo de produção capitalista, as relações materiais e sociais de produção são ocultadas por uma entidade não viva, produto fenecido do trabalho vivo, objetivado na materialidade de seu *Dasein* inanimado, que se nutre, à maneira de um vampiro, da vitalidade criativa e da energia humana expressas enquanto trabalho (BACCEGA, 2008: 9-10). O Capital aliena o trabalho humano, e não apenas na medida em que as relações de produção vigentes entre os proprietários privados dos meios de produção e os trabalhadores reduzem esses últimos à condição de fator de produção, de força de trabalho viva. Tais relações também definem, juridicamente, sob o véu das relações contratuais próprias ao Liberalismo Econômico, que os produtos do trabalho pertencem ao proprietário do capital. Mas ainda não está aqui o cerne do mistério.

O Capital se reinventa, nesta religião capitalista, como sujeito central dessas relações de produção, ao qual se predicam potencialidades e atributos de um ser autônomo, dotado de vontade, o que implica, por evidente, sua mistificação ou fetichização. Não é incorreto afirmar, desta forma, que *Moloch*, personagem mitológica amonita a quem os homens deveriam diuturnamente ofertar dádivas e sacrifícios, até o consumo de si próprios pelo deus, será a forma fetichizada ou mistificada do Capital. Portanto, é o invólucro ideológico por meio do qual o mesmo se **apresenta** e se **representa**, no mesmo movimento, para a consciência dos homens (*vorstellen*) (BACCEGA, 2008: 10).

Neste momento, convém asseverar que, para Marx, a consciência humana apreende o objeto tal como o mesmo se apresenta ou aparece no real das relações sociais concretas (*erscheinen*), não operando distorções ante o real. Não por acaso, na segunda das *Teses sobre Feuerbach* (1845), Marx assevera que a questão da objetividade do conhecimento humano é de ordem teórico-prática e que sua verdade é definida pela *praxis* histórica. Cabe a observação de que, em alemão, as palavras *prática* e *práxis* coincidem no significante – *die Praxis* – induzindo o incauto a traduzir e repetir, a não mais poder, que “a prática é o critério da verdade”. Nada mais falso, em se tratando do pensamento de dialético e concreto de Marx, para o qual – à maneira de Heráclito de Éfeso – o ser é movimento permanente, autoconstrução histórica de si mesmo. A *praxis*, como forma **concreta** de comportar-se dos homens, implica pensar e agir simultaneamente, em movência infinita, erigindo **verdades históricas praxeológicas ou teórico-práticas**, e não “práticas”.

Se o Capital efetivamente ostenta a condição mágico-fetichista de um ser dotado de subjetividade e controle sobre as relações de produção e circulação dos produtos materiais do trabalho humano, se, portanto, o Capital **parece** (*scheinen*) autônomo diante das relações materiais de produção, do trabalho daqueles que o fabricam, alienando sua força de trabalho, tal se dá porque a **inversão** (*Verkehrung*) ocorre no próprio real histórico.

Como pondera Jorge Grespan, o Capital, enquanto objeto de análise de Marx, apesar de sujeito vampírico das relações sociais de produção reificadas, não é um sujeito autoconsciente, seja de seu poder de realização, ou de sua ínsita racionalidade. As mesmas devem ser desveladas como nexos internos, vez que o movimento efetivamente real do objeto não consciente de si pode ocorrer sob formas que invertam e eclipsam sua condição de totalidade autocontraditória. Essa última precisa, necessariamente, ser analisada por meio do método dialético (GRESPLAN, 1999: 27).

Marx estrutura seu discurso acerca da mistificação da mercadoria, bem como de outras formas pelas quais o Capital se **apresenta** (*darstellen*) nas esferas da produção, circulação e consumo, recorrendo ao vocábulo *Fetischismus*, que o idioma alemão recepcionou do vocábulo português *feitiço*. O termo *fetichismo* viu-se registrado em português, de forma inaugural, em 1858, significando o culto de objetos que se supõem possuidores de poderes mágicos ou sobrenaturais (BACCEGA, 2008: 11).

Erich Fromm (1900-1980), psicanalista vinculado à Escola de Frankfurt, assinala, em *Das Menschenbild bei Marx* (com tradução portuguesa adaptada para *O conceito marxista de homem*), de 1961, qual a primeira forma de representação do fenômeno da alienação. Trata-se da externalização (*Entäußerung*) do ser humano em relação a si próprio, na tradição cultural e filosófica recebida pelo Ocidente, que ocorre na compilação do Antigo Testamento, quando se condena a adoração de ídolos. (FROMM, 1961: 49).

Para a antropologia filosófica de Marx, justamente, a hominização é o criar e recriar a si próprio nessa instância relacional que é o trabalho gerador de riquezas. Os homens **conhecem** e **reconhecem** a si mesmos, constituindo significados culturais, nos produtos objetivados de seu processo ontológico de metabolismo (*Stoffwechsel*) com a natureza, o trabalho. A partir de uma prévia ideação mental, os homens transformam e hominizam a natureza, ao mesmo tempo em que transformam e ressignificam a si mesmos neste processo, como se pode ler em *A Ideologia Alemã/ Die Deutsche Ideologie* (1945), de Marx e Friedrich Engels.

Não por acaso, afirmam esses autores que o mais inábil de todos os artesãos será, sempre, infinitamente mais sofisticado, complexo e perfeito que abelhas que erigem suas colmeias em formatos perfeitos de hexágonos tridimensionais. O ato criativo humano também supera sempre e necessariamente a teia que uma aranha vier a urdir com perfeita simetria. Abelhas e aranhas, como também formigas, cupins e outras espécies sociais, agem por instinto geneticamente determinado. Seres humanos, mesmo o mais medíocre e descoordenado artesão, arquitetam intelectualmente um projeto, uma ação transformadora sobre a natureza originária (*Formwechsell/metamorfose*).

Há uma prévia concepção ideal, uma prévia ideação ao nível das consciências. Ademais, na antropologia filosófica de Marx, os homens reconhecem sua humanidade e identidade a partir de sua projeção sobre os objetos por eles construídos, que são unidade sintética entre a natureza original, a matéria-prima original, e os conhecimentos, técnicas, habilidades e vivências humanas socialmente constituídas. A transformação primeira das matérias-primas em formas culturalmente concebidas, *Formwechsel* (**metamorfose**), dialeticamente implica a transformação da condição humana, ensejando novos graus de hominização e transmutação da consciência, a partir de novos conhecimentos experimentados e novas necessidades ideais (*Phantasie*) despertadas pelos objetos sintetizados no trabalho.

Dá-se, então, lugar ao *Stoffwechsel* (**metabolismo**), alteração da substância, tanto dos homens quanto da natureza. A esse resultado, ao **construído** em oposição ao **dado** (natural), a Filosofia alemã oitocentista referia-se com o termo *Kultur*. É por tal ordem de considerações que urge (re)ler *A Ideologia Alemã* em uma chave que consiga ultrapassar o nível primário das querelas de Marx e Engels com relação a outros jovens hegelianos de esquerda, como Bruno Bauer, ou ao anarquismo de Max Stirner. É tempo de vislumbrar sua autêntica condição de um Tratado Crítico de Epistemologia e Antropologia Filosófica.

No entanto, o feitiço reversor, o encantamento lançado pelo fetiche do Capital faz com que os homens se divorciem de si mesmos, fenômeno muito bem denotado pela palavra alemã *Entfremdung*. Como já exposto, para Fromm, a condenação profética aos ídolos referidos pela tradição veterotestamentária consigna a primeira percepção do fenômeno da mistificação ou do fetiche. Fromm, seguindo a trilha dos profetas, pensa nos deuses (os *baalim*) encarnados em objetos materiais, inanimados, produtos das próprias mãos humanas. Os homens lhes predicam virtudes taumatúrgicas e solicitam prodígios ou benfeitorias. Nenhum deles, todavia, consegue equiparar-se ao “Moloch dos tempos modernos”, descrito por Marx, em sua gesta, no Capítulo 24 do Tomo I de *O Capital* (BACCEGA, 2008: 12-13).

Enfim, a inversão que se dá no real da práxis dos homens na religião do Capitalismo é um feitiço de graves consequências. Os homens tornam-se instâncias de elocução reificadas dos verdadeiros sujeitos das relações sociais, ou seja, as mercadorias. Por uma misteriosa ironia da História, a religião do Capitalismo reduz toda a fenomenologia do humano à antiga definição de **escravo** presente ao *Digestum* ou *Pandectas*, a compilação doutrinal de juriconsultos do Direito Romano Clássico (República e Principado) componente do *Corpus Iuris Civilis* do Imperador Justiniano (527-565). Com efeito, atribui-se ao *Praefectus Praetorum* Eneo Domício Ulpiano (m. 228 d.C.), membro destacado da chancelaria do Imperador Caracala, a concepção do *servus* como *instrumentum vocale*, o instrumento dotado de voz (D. IX.2.2.2), aludindo a uma sentença do *grammaticus* e *rhetor* Varrão.

TEATRO DA FÉ DO CAPITAL

Ao perceber que a religião do Capitalismo é uma liturgia cultural ininterrupta, que não traz a expiação da culpa, mas a universaliza até o ápice de incluir e culpabilizar o próprio deus, Walter Benjamin resgata e analisa, em pormenores, exatamente a fórmula mágica do feiticeiro *Moloch*.

Articulando os pensamentos de Marx e Weber, o filósofo judeu-alemão atrai nossa atenção para um campo da ação social – e vale aqui lembrar a ideia de sociedade como contínua tensão latente entre ação e estrutura – definição proposta por Talcott Parsons em *Ação e Estrutura* (1935) – ainda insólita para muitos historiadores. Trata-se do campo da religião e da ideia – weberiano-marxista, à maneira de Michael Löwy (por quê não?) – de um regime de reencantamento do mundo pela dominação carismática, mas não por meio de um messias ou profeta humano, e sim do Capital.

Se pudermos aventar uma problematização conjugada das teses de Benjamin e Weber à luz da filosofia de Marx, tal regime fetichista de reencantamento do mundo poderá ser melhor dissecado. Trata-se aqui, no fundo, também de um exercício de desconstrução teórica de uma antinomia artificial e inflexível, fabricada por certa *intelligentsia* que insiste, de modo tenaz, em negar o movimento dialético do pensar, tornando a Sociologia Compreensiva incompatível com o Materialismo Histórico. Convém ressaltar, para os propósitos deste texto, que Marx nunca foi economista, mas um filósofo da totalidade que consagra uma crítica da economia política e da centralidade do Capital nas formações sociais contemporâneas. E o faz, é oportuno que se insista sempre, por meio de um saber de totalidade, a um só tempo ciência da natureza e da cultura em suas relações de negatividade dialética por meio do trabalho humano. Seu nome é História.

Novamente, na seção 4 do Capítulo 1 do Tomo I de *O Capital*, Marx tece considerações sobre o fetiche da mercadoria no Capitalismo, com palavras nada menos que impactantes para os cultores das vulgatas “marxistas” e os críticos que assim vislumbram a pretensa produção teórica do pensador oitocentista. E o faz sob o título “O caráter de fetiche da mercadoria e seu mistério/segredo” (observando-se que, em alemão, existe uma única palavra abrangendo ambas as possibilidades: *Der Fetischcharakter der Ware und ihre Geheimnisse*), como já nos referimos.

Impende, neste momento, deter-nos no exame atento de uma frase central, reveladora das razões de se precisar adentrar “a região nebulosa do mundo da religião” (*Um daher ein Gleichnis zu finden, müssen wir in die Nebelregion der religiösen Welt flüchten*) (MARX, 2000: 66). Ao relacionar as duas instâncias retroimplicativas da totalidade, produção e representação – hoje diríamos, no lastro da Nova História Cultural, “práticas e representações” – Marx aplica tal raciocínio para concluir, sobre

o modo de produção capitalista enquanto totalidade, que:

O misterioso/secreto da forma mercadoria consiste, assim, simplesmente, em que ela retrorreflete para os homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos produtos mesmos do trabalho, como propriedades naturais destas coisas; também, por conseguinte, a relação social dos produtores com o trabalho coletivo como uma relação social existente externamente a eles, [uma relação social] entre objetos. Por meio deste *quid pro quo* os produtos do trabalho se transformam em mercadorias, coisas sensivelmente ultrasensíveis, ou coisas sociais (MARX, 2000: 66) (tradução nossa).¹⁰

Disto decorre o “capricho teológico” inscrito na forma mercadoria: inverter, como por um encantamento macabro, as relações entre homens para relações sociais entre coisas, vale insistir, pessoas que se reificam pelo fetiche e se convertem em títeres do sujeito social por excelência, o Capital, em seu percurso de *Dasein* inanimado. Portanto, um pensamento filosófico que pretenda, no lastro da fenomenologia hegeliana, atuar a dissecação das contradições da Modernidade deve focar, necessariamente, o *logos* de suas formações sociais. Por certo o mesmo se encontra no modo de produção pelo qual o Capital, por meio do fetiche, se faz soberano.

Por esta razão, é uma filosofia de totalidade e dialética que deve investigar a ossatura e a ortopedia sociais, refletir sobre a Economia Política como campo, por excelência, das “Ciências do Espírito” (*Geisteswissenschaften*) à maneira hegeliana, ou “Ciências da Cultura” (*Kulturwissenschaften*) para os neokantianos da Escola de Baden. Convém assinalar, com Michel Foucault, que o século XIX somente conheceria a institucionalização universitária das Ciências Humanas em seu ocaso, sendo a História, justamente, a última delas.

Afirma Foucault, pensando a arqueologia das Ciências Humanas em comparação e complemento com a genealogia das formas de poder que as engendraram, que as Ciências Humanas oitocentistas advieram da convergência de três modelos de inquirição científica consignados ao longo dos séculos XVII e XVIII: a Economia Política, a Biologia e a Filologia. Eis a necessidade, à época de Marx, de direcionar a Filosofia para o circuito econômico, uma vez que esse autor percebe, com agudez, a centralidade e o quase solipsismo do *Homo oeconomicus* na Modernidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por que, finalmente, devem os historiadores intervir neste debate, já há tempos acalentando por outros cientistas sociais, principalmente sociólogos e antropólogos,

¹⁰ Das Geheimnisvolle der Warenform besteht also einfach darin, daß sie den Menschen die gesellschaftlichen Charaktere ihrer eigenen Arbeit als gegenständliche Charaktere der Arbeitsprodukte selbst, als gesellschaftliche Natureigenschaften dieser Dinge zurückspiegelt, daher auch das gesellschaftliche Verhältnis der Prozedenten zur Gesamtarbeit als ein außer ihnen existierendes gesellschaftliches Verhältnis von Gegenständen. Durch dieses *quid pro quo* werden die Arbeitsprodukte Waren, sinnlich übersinnliche oder gesellschaftliche Dinge.

sem falar do debate filosófico em torno da Metafísica e da Filosofia da Religião? A resposta parece não estar apenas na ideia de Marc Bloch acerca de uma História-Problema a partir de indagações do presente (*Apologia da História ou Ofício de Historiador*, 1944), ou mesmo somente em uma História do Tempo Presente. Concedamos, mais uma e derradeira vez, a voz a Benjamin, na Tese VI sobre o Conceito de História (1940):

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele, pois, de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Para o Materialismo Histórico, trata-se de fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, inesperadamente. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é um e o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, deve-se tentar, novamente, tomar a tradição ao conformismo, que está prestes a apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como salvador; ele vem também como o vencedor do Anticristo. Credita-se o dom de despertar no passado as centelhas da esperança apenas ao historiógrafo penetrado pela convicção de que também os mortos não estarão em segurança, se o Inimigo vencer. E esse Inimigo não tem cessado de vencer (tradução nossa).¹¹

Esta tese também faz sentido para quantos desejarem articular o presente de modo histórico. Em nossos dias, o Anticristo constituiu para si uma sofisticada religião em rede, que inter-relaciona, de modo inaudito, os mais diversos e recônditos espaços do mundo. Se o faz, como Walter Benjamin percebeu, na Tese VI, que o Inimigo não tem cessado de vencer. Gostaríamos de encerrar este texto com uma reminiscência do século XIV. Um dos vultos mais notáveis dentre os ditos espirituais franciscanos, Ubertino di Casale (1259-1330), redigiu um texto santamente subversivo, *A Árvore da Vida Crucificada de Jesus (Arbor Vitae Crucifixae Jesu)*, no ano de 1305. Concebia que, a par do *Anticristo Espiritual*, o Diabo propriamente dito, existia o denominado *Anticristo Aberto*, que o frade franciscano identificava, claramente, ao Papa Bonifácio VIII (1295-1303). Ubertino julgava que esse último tivesse traído e induzido à renúncia o Papa angelical Celestino V (1295), de quem fora secretário curial. É o *Anticristo Aberto*, o Falso Profeta, que anuncia e instaura o Apocalipse, agindo em nome e por comunhão de vontades com o *Anticristo Espiritual*, a Besta, Satã.

Moloch, o “Anticristo Aberto”, tem sido dissecado desde a produção teórica

11 Vergangenes historisch artikulieren heißt nicht, es erkennen >wie es denn eigentlich gewesen ist<. Es heißt, sich einer Erinnerung bemächtigen, wie sie im Augenblick einer Gefahr aufblitzt. Dem historischen Materialismus geht es darum, ein Bild der Vergangenheit festzuhalten, wie es sich im Augenblick der Gefahr dem historischen Subjekt unversehens einstellt. Die Gefahr droht sowohl dem Bestand der Tradition wie ihren Empfängern. Für beide ist sie ein und dieselbe: sich zum Werkzeug der herrschenden Klasse herzugeben. In jeder Epoche muß versucht werden, die Überlieferung von neuem dem Konformismus abzugewinnen, der im Begriff steht, sie zu überwältigen. Der Messias kommt ja nicht nur als der Erlöser; er kommt als der Überwinder des Antichrist. Nur dem Geschichtsschreiber wohnt die Gabe bei, im Vergangenen den Funken der Hoffnung anzufachen, der davon durchdrungen ist: auch die Toten werden vor dem Feind, wenn er siegt, nicht sicher sein. Und dieser Feind hat zu siegen nicht aufgehört.

de Marx e de Weber. Qual a senha para decodificar a verdadeira identidade do “Anticristo Espiritual”?

Finalizemos com outra brilhante e provocativa asserção de Walter Benjamin, a Tese I sobre o Conceito de História:

Conhecidamente deve ter havido um autômato construído de tal modo que contraditava a cada lance de um jogador de xadrez com um contralance, que lhe assegurava a vitória. Um boneco em traje turco, com um narguilé na boca, sentava-se diante do tabuleiro, que repousava sobre uma grande mesa. Por meio de um sistema de espelhos, despertava-se a ilusão de que a mesa era transparente de todos os lados, em todos os seus pormenores. Na verdade, um anão corcunda situava-se dentro [da mesa], que era um mestre no xadrez e dirigia com cordéis a mão do boneco. Para esta aparelhagem podemos imaginar um contraponto na Filosofia. Sempre deve vencer o boneco, chamado “materialismo histórico”. Ele pode, sem mais, enfrentar qualquer desafio, se tomar a seu serviço a Teologia. Hoje, ela é reconhecidamente pequena e feia e não se deve, de qualquer forma, deixar ver (tradução nossa).¹²

Não há, pois, resposta, mas um método (no sentido etimológico mesmo da expressão *μετά της ὁδοῦ*, *metà tês hódou*), pensado em sua dupla significação de “para além do caminho” e “ao lado do caminho”. Ou seja, há que construir tanto o caminho em si, trilhar concretamente seu percurso, como forjar o objeto mesmo da inquirição intelectual, ao final – sempre provisório – deste trajeto. É tempo de pensar em Walter Benjamin e sua provocante reflexão sobre a ontologia processual religiosa do Capitalismo, a partir de um enfoque histórico-teológico. Para que se instaure o *Kairós* (*καιρός*) se seu Messias histórico, não o tempo do Anticristo. Desta vez, como em todas, o perigo está no presente e o inimigo não tem cessado de vencer.

No entanto, qualquer reflexão ou pensamento (*Gedanke*), ou qualquer representação da divindade imatura que é o Capital, revelando a fragilidade autocontraditória de seu *Dasein* inanimado, desfere contra ele um golpe insuportável, penhor de nossas esperanças e das utopias que não de vir. Com este espírito de crítica, a um só tempo precavido e pleno de esperanças histórico-utópicas, devemos ler e dissecar escritos como *Plano de Poder: Deus, os cristãos e a política* (2011), de Edir Macedo. Será catastróficamente revelador.

12 Bekanntlich soll es einen Automaten gegeben haben, der so konstruiert gewesen sei, daß er jeden Zug eines Schachspielers mit einem Gegenzuge erwidert habe, der ihm den Gewinn der Partie sicherte. Eine Puppe in türkischer Tracht, eine Wasserpfeife im Munde, saß vor dem Brett, das auf einem geräumigen Tisch aufruhete. Durch ein System von Spiegeln wurde die Illusion erweckt, dieser Tisch sei von allen Seiten durchsichtig. In Wahrheit saß ein buckliger Zwerg darin, der ein Meister im Schachspiel war und die Hand der Puppe an Schnüren lenkte. Zu dieser Apparatur kann man sich ein Gegenstück in der Philosophie vorstellen. Gewinnen soll immer die Puppe, die man, historischen Materialismus, nennt. Sie kann es ohne weiteres mit jedem aufnehmen, wenn sie die Theologie in ihren Dienst nimmt, die heute bekanntlich klein und häßlich ist und sich ohnehin nicht darf blicken lassen.

REFERÊNCIAS

- BACCEGA, Marcus. “O Fetiche do Capital e a Clausura do Imaginário”. In: **Escritas**, V. 1(1). Goiânia: Kelps Editora, 2008.
- _____. “Entre o ‘Outono da Idade Média’ e o ‘Espírito do Capitalismo’: Max Weber, hermenêuta de uma ruptura no imaginário ocidental”. In: **Alétheia. Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medievalidade**. Vol. 01 – Janeiro/Junho de 2008. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2008.
- BENJAMIN, Walter. “Kapitalismus als Religion”. In: **Gesammelte Schriften**. Hrsg. Rolf Tiedemann und Hermann Schweppenhäuser, 7. Band. Frankfurt: Suhrkamp, 1991.
- _____. “Über den Begriff der Geschichte”. **Gesammelte Schriften**. Band I-2. Frankfurt-am-Main: Suhrkamp, 1980.
- FOUCAULT, Michel. **Les mots et les choses**. Une archéologie des Sciences Humaines. Paris: Éditions Gallimard, 1975.
- FROMM, Erich. **Das Menschenbild bei Marx**. Frankfurt am Main: Europäische Verlagsanstalt, 1980.
- GRESPLAN, Jorge. **O Negativo do Capital**. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.
- LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.
- _____. **A Jaula de Aço**. Max Weber e o Marxismo Weberiano. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl. **Das Kapital. Kritik der Politischen Ökonomie**. Erster Band. Berlin: Karl Dietz Verlag, 2005.
- _____. **Grundrisse der Kritik der Politischen Ökonomie**. Berlin: Dietz Verlag, 1974.
- _____. **Thesen über Feuerbach**. Berlin: Dietz Verlag, 1969.
- _____. **Die Deutsche Ideologie**. Berlin: Zenodot Verlagsgesellschaft, 2014.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. **O Desencantamento do Mundo**. Todos os passos de um conceito em Max Weber. São Paulo: Editora 34, 2005.
- RUBIN, Isaak I. **A Teoria Marxista do Valor**. São Paulo: Polis, 1987.
- SELL, Carlos Eduardo. **Max Weber e a racionalização da vida**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- SCHLUCHTER, Wolfgang. **O desencantamento do mundo**. Seis estudos sobre Max Weber. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2014.
- WEBER, Max. **Die protestantische Ethik und der “Geist” des Kapitalismus**. Prag: Area Verlag, 2005.
- _____. **Wirtschaft und Gesellschaft**. Grundriss der verstehenden Soziologie. Tübingen: Mohr Siebeck Verlag, 1980.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alzheimer 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134
Animalidade 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 86, 87, 134

B

Bem-estar 28, 29, 39, 41, 42, 129, 134
Biopoder 3, 115, 117, 118, 134

C

Campanhas publicitárias 115, 121, 123, 134
Capitalismo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 14, 15, 18, 19, 32, 46, 53, 54, 55, 67, 134
Consumo 8, 9, 23, 24, 26, 38, 39, 62, 103, 104, 108, 115, 116, 117, 119, 121, 122, 123, 134
Corpo feminino 117, 120, 134

E

Ecologia 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 134
Ecosofia ambiental 49, 51, 53, 54, 55, 56, 134
Educação brasileira 64, 66, 134
Educação formal 77, 134
Efluentes 58, 59, 60, 134
Estudo comparado 115, 134

F

Fetice do capital 1, 7, 15, 134
Filosofia 1, 10, 11, 12, 13, 14, 49, 50, 52, 55, 68, 76, 77, 79, 108, 134

H

História e cinema 89, 134
Humanismo 77, 79, 80, 81, 82, 83, 87, 88, 134

I

Imagens 47, 90, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 130, 134

L

Literatura e cinema 89, 134

M

Meio ambiente 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 63, 86, 134
Mídia 57, 104, 105, 109, 111, 113, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 123, 134
Mídias digitais 103, 134
Modernidade 2, 3, 4, 6, 12, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 26, 49, 50, 78, 79, 91, 113, 134

Musicoterapia 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 135

N

Nostalgia 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 113, 135

O

Obra lavoura arcaica 89, 135

P

Poder 8, 9, 12, 14, 18, 21, 22, 26, 36, 39, 42, 44, 45, 52, 54, 71, 72, 79, 80, 81, 82, 84, 115, 116, 117, 118, 123, 135

Prática docente 64, 65, 68, 76, 135

Profanação 77, 79, 80, 82, 84, 86, 87, 135

Psicologia 35, 46, 47, 105, 124, 125, 128, 129, 131, 132, 135

Q

Qualidade de vida 28, 29, 30, 31, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 59, 125, 126, 129, 130, 131, 135

R

Realização humana 28, 32, 135

Redes sociais 103, 105, 106, 110, 113, 114, 135

Relação homem-trabalho 28, 30, 32, 41, 46

Religião 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 13, 135

S

Sociedade de consumidores 16, 23, 24, 25, 135

T

Tempo e imagem 89, 135

Tendências pedagógicas 64, 65, 66, 74, 75, 76, 135

Tratamento 37, 41, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 86, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 135

W

Walter benjamin 1, 4, 11, 13, 14, 15, 135

 **Atena**
Editora

2 0 2 0